Eugenia paracatuana O. Berg

(cambuim, cambuí)

Família: Myrtaceae

Endêmica: não[1]

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado (Cerrado), Mata Atlântica[1]

Recomendação de uso: Restauração

O cambuí é uma espécie que atinge até 5 metros de altura. Apresenta propriedades medicinais.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos não madeireiros (medicinal)[8]

Características gerais

Porte: altura 3.0-5.0m[6]

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: -

Persistência foliar: -

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: -

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária tardia, Clímax[7,3]

Polinizadores: -

Período de floração: agosto a outubro[2]

Tipo de dispersão: Zoocórica[3]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: novembro a janeiro[3]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: -

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: -

Produção de mudas: -

Tempo de germinação: -

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: -

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[4,5]

Climácica exigente de sombra (WERNECK et al., 2000); tolerante à sombra (LEYSER et al., 2012).

Bibliografia

[1] SOBRAL, M.; PROENÇA, C.; SOUZA, M.; MAZINE, F.; LUCAS, E. Myrtaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 16 mai. 2013.

[2] ROMAGNOLO, M. B.; SOUZA, M. C. de. O gênero Eugenia L. (Myrtaceae) na planície alagável do Alto Rio Paraná, Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 3, p. 529-548, 2006.

[3] PEREIRA, T. S.; COSTA, M. L. M. N. da.; MORAES, L. F. D.; LUCHIARI, C. Fenologia de espécies arbóreas em floresta atlântica da Reserva Biológica de Poço das Antas, Rio de Janeiro, Brasil. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 329-339, jul./dez. 2008.

[4] WERNECK, M. de S.; FRANCESCHINELLI, E. V.; TAMEIRÃO NETO, E. Mudanças na florística e estrutura de uma floresta decídua durante um período de quatro anos (1994-1998), na região do Triângulo Mineiro, MG. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 401-413, dez. 2000.

[5] LEYSER, G.; ZANIN, E. M.; BUDKE, J. C.; MÉLO, M. A. de; HENKE-OLIVEIRA, C. Regeneração de espécies arbóreas e relações com componente adulto em uma floresta estacional no vale do rio Uruguai, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 26, n. 1, p. 74-83, 2012.

[6] FARIA JÚNIOR, J. E. Q. O gênero Eugenia L. (Myrtaceae) nos estados de Goiás e Tocantins, Brasil. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília. Brasília. 2010.

[7] MANGUEIRA, J. R. S. A. A regeneração natural como indicadora de conservação, de sustentabilidade e como base do manejo adaptativo de fragmentos florestais remanescentes inseridos em diferentes matrizes agrícolas. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2012.

[8] UBESSI-MACARINI, C.; NEGRELLE, R. R. B.; SOUZA, M. C. de. Produtos florestais não-madeiráveis e respectivo potencial de exploração sustentável, associados à remanescente florestal ripário do alto rio Paraná, Brasil. Acta Scientiarum: Biological Sciences, Maringá, v. 33, n. 4, p. 451-462, 2011.